

## A IGREJA QUE NASCE DO ESPÍRITO SANTO - SINODALIDADE E PODER, TESTEMUNHO DO PAPA FRANCISCO À LUZ DO VATICANO II

### *THE CHURCH BORN OF THE HOLY SPIRIT: SYNODALITY AND POWER, TESTIMONY OF POPE FRANCIS IN THE LIGHT OF VATICAN II*

*Romildo Henriques Pinas\**

**RESUMO:** Este artigo procurou refletir de forma breve o dilema vivido pela Igreja no decorrer dos séculos, de um lado, a sua missão de vivência da sinodalidade e da participação dinamizadas pela força do Espírito Santo desde Pentecostes. Em tal experiência reina o sentido de fraternidade, de solidariedade e de comunhão com Jesus Cristo e com os irmãos. Por outro lado, ao mesmo tempo, a Igreja constituída de pecadores sofre os vícios do mundo, é enlameada pela influência do poder temporal e da dominação. No decorrer dos anos, não poucas vezes, ela se viu afastando do projeto do reino e se misturando com os projetos mundanos. Diante de tal dilema, hoje, mais uma vez, a Igreja é chamada a dar testemunho do reino de Deus e assumir uma postura de fraternidade e de comunhão sinodal, tal propósito se faz muito vivo no magistério do Papa Francisco.

**Palavras-chave:** Igreja; sinodalidade; poder; Espírito Santo; Papa Francisco.

**ABSTRACT:** *This article offers a brief reflection on the age-old dilemma faced by the Church, on the one hand, its mission to experience synodality and active participation fueled by the power of the Holy Spirit since Pentecost. This experience fosters a sense of fraternity, solidarity, and communion with Jesus Christ and fellow believers. On the other hand, being comprised of sinners, the Church is sometimes marred by the vices of the world and by temporal power and domination. Throughout history, it has many times strayed from the divine project, entangling itself in secular pursuits. In the face of this ongoing dilemma, the Church is once again summoned to bear witness to the kingdom of God and embrace a posture of fraternity and synodal communion, such purpose finds is very much alive in the magisterium of Pope Francis.*

**Keywords:** *Church; synodality; power; Holy Spirit; Pope Francis.*

## INTRODUÇÃO

A pergunta preeminente ao abordar o tema deste estudo é: por que falar de sinodalidade ou formação para uma vivência eclesial fraterna e de comunhão? Seria esse projeto uma pura utopia assim como outros ideais cristãos, como por exemplo, o projeto do Reino de Deus? Quem garante à Igreja o sentido sinodal? Ou ainda, é possível de fato vivenciar uma Igreja sinodal, numa época de privatização e de individualização da fé cristã? Essas questões podem demarcar um pouco o que pretendemos abordar de forma muito simples e sintética no presente artigo.

Num primeiro momento, buscamos resgatar o sentido eclesial da fé cristã, seu viés comunitário que brota do Espírito Santo no dia de Pentecostes. Jesus viveu uma fraternidade envolvente e sedimentada no sentido de fazer um caminho ‘odos’ junto com seus seguidores. Tal caminho torna-se evidente para os discípulos no evento da ressurreição e Pentecostes. O exercício da fraternidade tornou-se uma nota indelével no convívio de Jesus com os discípulos, bem como no testemunho das comunidades cristãs pós-pascuais.

Num segundo momento, passaremos brevemente pelo processo de transição entre uma Igreja primordialmente fundada e formada nos ensinamentos do Mestre de Nazaré, nela constitui-se a fé de maneira comunitária e como serviço, conservando assim o *kerigma* fundante. Pelo seguimento, pelo testemunho fraterno e na vivência do projeto do reino como lugar de comunhão com Deus e com os irmãos, os primeiros cristãos garantiram a ‘essência da fé’ sem cair em desvios e divisões. A Igreja nasce da doação máxima de Jesus na cruz e do testemunho de *diakonia* e de *koinonia* das comunidades fiéis ao Espírito do Ressuscitado. Neste tópico ainda cabe confrontar o modelo de Igreja conforme o projeto de Jesus Cristo e o distanciamento desse modelo no decorrer da história.

O terceiro tópico vai refletir a retomada dos valores eclesiais da comunidade cristã primitiva no mundo hodierno, bem como o resgate dos ensinamentos de Jesus Cristo como paradigma permanente da vivência da fé. Esse resgate, sobretudo no contexto do Vaticano II, abre caminho para voltar-se ao modelo de participação ativa na fé e na vivência comunitária. Retoma à luz das Escrituras e da Tradição, os valores inalienáveis do evangelho, sobretudo o sentido de justiça e libertação, o valor da participação, onde todos caminham juntos em direção ao reino de Deus. Neste terceiro tópico não há como não sinalizar para as atitudes sinodais presentes no magistério do Papa Francisco.

## 1. A IGREJA DE PENTECOSTES: INSTRUÍDA NA UNIDADE E NO AMOR

O acontecimento pneumatológico ilustrado alegoricamente nos Atos dos Apóstolos, demarca, conforme a tradição, o brotar da Igreja.<sup>1</sup> É o Espírito quem irradia mechas de luz sobre as cabeças e os corações de todos aqueles que se faziam presentes na sala do medo (Cenáculo). Ele propicia o irradiar universal do sol sem ocaso do Ressuscitado, do Vivente. Os Atos dos Apóstolos fazem ver as consequências de tal ocorrido: a comunidade caminha unida, esforça-se para viver a fraternidade e se constitui no culto como verdadeira *ekklesia*. O ato parenético de Pedro no brotar da Igreja, exprime a sintonia da comunidade com o Cristo, que agora se faz presente de um modo definitivo e novo no meio dos *kerigmáticos*. É o Espírito quem garante a *exousia* da comunidade e sua decisão profética em favor do *kerigma* do Cristo ressuscitado. Ele dá o conhecimento da verdade, instruindo as comunidades, levando-as ao conhecimento (Jo 14 e 16), cria comunhão e participação de todos (2Cor 13,13), ele é princípio constituinte da Igreja.<sup>2</sup> A Igreja que brota do mistério de Cristo, mistério plenamente manifesto pelo Espírito no evento de Pentecostes, é filha da Trindade. Sem essa nota preliminar incorre-se no risco de andar por caminhos alheios à verdadeira identidade cristã.

O símbolo dos apóstolos ao professar a fé cristã, logo após a afirmação: “creio no Espírito Santo”, em seguida declara a fé “na Santa Igreja Católica”. A Igreja dos apóstolos é a Igreja do Espírito, sendo que toda tradição cristã ressalta essa nota no decorrer dos primeiros séculos. *Ekklesia* não contém o sentido político de influência helenista, nem também a etimologia específica da tradição judaica. Sem negar que esse conceito seja derivado da tradição veterotestamentária, contudo, ele tem um sentido diferenciado no contexto cristão. A palavra *ekklesia* é indicada no Novo Testamento como Igreja de Deus ou Igreja de Deus em Jesus Cristo (1Cor 1,1; 15,9; 2Cor 1,1; Gl 1,1.13; 1Ts 1,1; 2,12; 2Ts 1,1; Gl 1,22)<sup>3</sup>. Os fundamentos da comunidade cristã são forjados pela ação do Espírito na unidade de seus membros com o Cristo ressuscitado (Gl 3,28; Cl 3,11).

---

\* É professor de teologia sistemática, formado pela PUC-Rio, e no momento não leciona em nenhuma faculdade.

<sup>1</sup>K. Barth, ao contrapor a afirmação de Brunner da “Igreja como mal-entendido”, pois segundo ele, a comunidade de Jesus fundada no Espírito Santo nada tem em si do caráter de instituição e não pode ser identificada com essa; então aquele diz que a Igreja é um acontecimento, pois negar isso incorre num docetismo eclesial. Mesmo o modo de Barth pensar será questionado dentro da tradição protestante, pois ela não seria somente acontecimento, mas possuidora de uma forma legal e institucional. Instituição e acontecimento formam o conteúdo da Igreja. Cf. KASPER, Walter. *A Igreja Católica: Essência, Realidade, Missão*. São Leopoldo: Unisinos, 2011, p. 135.

<sup>2</sup>MIRANDA, Mario de França. *Teologia do Papa Francisco - Igreja sinodal*. São Paulo: Paulinas, 2018, p. 27ss.

<sup>3</sup>KASPER, Walter. *A Igreja Católica: Essência, Realidade, Missão*, p. 132ss.

*Ab initio* cabe perguntar: por que afirmar uma base pneumatológica da Igreja se a comunidade pré-pascal girou em torno da pessoa de Jesus e seus discípulos? Então, de maneira irrefutável, para mostrar a unidade de Cristo com o Espírito, o Novo Testamento expõe como este esteve sempre atuante na vida de Jesus, desde seu nascimento, batismo e durante toda sua vida.<sup>4</sup> Conforme já havia elucidado Orígenes, o Espírito já atuava desde a criação e, no evento da redenção, ensina a reconhecer Jesus de Nazaré como o eterno Filho do Pai, movendo os corações para a fé, a esperança e a caridade.<sup>5</sup>

Pentecostes é o dia, por excelência, da Igreja. Em Atos dos Apóstolos o evento é narrado com alguns traços significativos: o grupo dos que seguiam Jesus estava reunido; ocorreu um forte estrondo; caíram labaredas de fogo sobre as cabeças dos presentes. Com todo esse simbolismo, então, Lucas escreve que “todos ficaram cheios do Espírito”. Logo em seguida acontece o discurso efusivo de Pedro e os efeitos sucessivos de testemunhos por aqueles que vivenciaram aquela experiência pneumatológica (At 1,8).<sup>6</sup> O Espírito enche os corações, habita neles. Interessante, como já notara Schilleiermacher, Pentecostes ocorre como evento comunitário, que por sua vez, liga cada cristão à Igreja.<sup>7</sup> Se “comunhão” não é uma palavra recorrente no contexto do Novo Testamento para caracterizar a Igreja,<sup>8</sup> todavia, o Espírito desperta esse sentimento, ou ainda, instrui a comunidade nascente para participar da vida do Ressuscitado e fazer comunhão com ele pela prática do amor aos irmãos. Nessa perspectiva, o relato de Atos confirma aquilo que seria a conclusão do evangelho de Lucas: Jesus e o Pai realizam a promessa do envio daquele que constituiria o poder dos doze.<sup>9</sup> É uma *exousia* que estabelece a *diakonia* como dedicação ao *kerigma*.<sup>10</sup>

O Espírito forma a Igreja e educa seus membros para participarem da vida de Jesus. Como relatado em Lucas, ele desempenha o papel de conexão entre a profecia de Israel e a atividade profética acontecida no mistério da vida de Jesus Cristo. O mesmo sentido está implicado naquilo que se refere ao nascimento da Igreja. Como lembra Brown, o Livro dos Atos deveria se chamar não Atos dos Apóstolos, mas Atos do Espírito, pois é ele quem

---

<sup>4</sup> MIRANDA, Mario de França. *A Igreja em Transformação: Razões atuais e perspectivas futuras*. São Paulo: Paulinas, 2019, p. 42.

<sup>5</sup> PANNENBERG, Wolfhart. *Systematische Theologie*, Band III. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht 1993, p. 13.

<sup>6</sup> DUPONT, Jaques. *Estudos sobre os Atos dos Apóstolos*. São Paulo, Paulinas, 1974, p. 489.

<sup>7</sup> PANNENBERG, Wolfhart. *Systematische Theologie*, p. 14.

<sup>8</sup> MIRANDA, Mario de França. *A Igreja numa Sociedade fragmentada*. São Paulo: Loyola, 2006, p. 69.

<sup>9</sup> FABRIS, R. *Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 75.

<sup>10</sup> BOFF, Leonardo. *Igreja: Carisma e poder: Ensaio de Ecclesiologia Militante*. São Paulo: Ática, 1994, p. 111.

capacita os discípulos a tomarem o lugar de Jesus na terra. A força do Espírito constitui Jerusalém como novo Sinai, e todas as características de Pentecostes são correlatas à ideia de uma nova criação.<sup>11</sup>

De acordo com Atos, o Espírito constitui comunidades, capacita-as para a fraternidade, revela a verdadeira identidade do Ressuscitado e impulsiona a Igreja nascente para o anúncio do Vivente. O Espírito convoca, possibilita a conversão e destina pessoas à missão. É ele quem ilumina as comunidades primitivas na superação dos conflitos, fortificando a comunhão entre as igrejas nascentes. A dádiva do Espírito insere a Igreja no mistério de Cristo e habilita cada fiel a participar da filiação divina. No Espírito do Ressuscitado, concomitantemente, o Paráclito é aquele que forma a comunhão dos fiéis.<sup>12</sup> Então estabelece-se a unidade com todos os crentes, instaura-se na Igreja nascente um ideal de comunidade que tem por fundamento o mistério trinitário, o ‘juntos’ deve superar o individual, pois a Igreja está, pelo Espírito, em plena sintonia com a Trindade.<sup>13</sup>

No contexto atual, a Igreja do Vaticano II, seguindo séculos de tradição, também vai realçar que o Espírito congrega na unidade da fé, da esperança e da caridade o Povo da nova Aliança (*Unitatis Redintegratio (UR)*, 755).<sup>14</sup> Ele santifica-a perenemente, rejuvenesce-a e renova-a, concede dons hierárquicos e carismáticos, conduzindo-a à verdade (*Ad Gentes 9; Lumen Gentium*, 4). No batismo, pelo Espírito, a Igreja constitui um só corpo, isto é, o único princípio associado ao sentido eucarístico do pão e do vinho. Digno de nota é uma afirmação da *Speculum Ecclesiae*, neste documento relaciona-se a unidade do mistério do corpo de Cristo transubstanciado do pão e do vinho com a Igreja, pois ela se torna esse mesmo corpo no mistério eucarístico.<sup>15</sup> O Espírito garante a sinergia da Igreja com o mistério de Cristo, sustenta a missão e a comunhão de dons.

A vida segundo o Espírito possibilita a *kenosis* como processo de libertação do autocentrismo e daquilo que obstaculiza a emergência do reino. É no render-se ao Espírito

---

<sup>11</sup> BROWN, E. Raymond. *As Igrejas dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 81ss.

<sup>12</sup> PANNENBERG, Wolfhart. *Systematische Theologie*, p. 25ss.

<sup>13</sup> CZERNY, Michael. Uma Igreja que ‘caminha junto’. Sinodalidade na era do Papa Francisco. In: *Perspectiva Teológica*, v. 54, n. 1, Jan./Abr., 2022, p. 67ss. Sobre tudo quando o autor fala da graça das diferenças fica patente que a riqueza da Igreja se faz por uma unidade na diversidade de dons e carismas. É partindo dessa poliédrica imagem de dons que o Papa Francisco compreende o tema da sinodalidade.

<sup>14</sup> *Unitatis Redintegratio*, 755. In: COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituições decretos declarações*. Petrópolis: Vozes, 2000. Para todos os documentos do Vaticano II, usaremos a versão do compêndio das Vozes aqui citado.

<sup>15</sup> DE LUBAC, Henri. *Corpus Mysticum: l’eucharistie et L’Église au Moyne Age – Étude historique*. Paris: Aubier, MCMXLIX, p. 116.

que o crente vê sua ação se efetivar na comunidade eclesial. Pois o Espírito silencia toda vontade de poder, toda atitude egoísta e capacita os fiéis para o encontro fraterno com o Cristo vivo. Ele forma a comunidade verdadeiramente fraterna. Por isso que uma das perguntas que norteia o projeto sinodal proposto pelo Papa Francisco é: “que passos o Espírito nos convida a dar para crescer como igreja sinodal?”<sup>16</sup> Essa pergunta defronta com o longo dilema do exercício do serviço carismático da Igreja com o drama do poder que como joio não é fácil de ser arrancado do meio da seara humana.

## **2. O KERIGMA CRISTÃO COMO PRÁTICA DO AMOR E DO SERVIÇO E A ESTRUTURA DE PODER ECLESIAL COM SEUS DESAFIOS NO DECORRER DA HISTÓRIA**

Seria pretensão num pequeno texto querer reconstituir o longo caminho querigmático da tradição cristã, bem como descer aos detalhes do processo histórico que demarcam mais de dois milênios da vida da Igreja, contudo, vale a pena sinalizar ao menos para alguns elementos fundamentais e perenes que foram garantidos pelo evangelho e pela Tradição. Elementos esses sejam como dados históricos ou valores constitutivos da trajetória de fé do povo cristão que não podem ser exatamente demarcados com toda objetividade, mas fazem parte do *depositum fidei* tanto no sentido positivo quanto negativo da história da Igreja como tal. Aqui vamos sinalizar para os primórdios do *kerigma* cristão, tendo como fundamento referencial a vida de Jesus com os discípulos,<sup>17</sup> para a partir de tal referencial indicar alguns pontos relevantes no acontecer da vivência cristã ao longo dos séculos, pontos que de alguma maneira, ajudam a entender o percurso da Igreja com seus desafios e superações.

Contrapondo a qualquer desejo de poder que não deixa de ser um dado ontológico da *hbris* humana, por sua vez, como se nota na Escritura, a relação de Jesus com seus discípulos ou com todas as pessoas que encontrava, estava fundada exclusivamente na autêntica fraternidade e no amor. Esse modo de Jesus agir é uma nota primordial no seu modo de viver e anunciar o reino de Deus. Os mandamentos do amor a Deus e ao próximo são os pilares por excelência da participação no reino de Deus, e mais, a Primeira Carta de João é incisiva quando

---

<sup>16</sup> SÍNODO DOS BISPOS. *Para uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão*, n. 2. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/wp-content/uploads/2021/09/Sinodo-2023-Docmento-Preparatorio.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2022.

<sup>17</sup> Naturalmente que para fazer bem esse caminho, haveríamos de descer na cristologia e na eclesiologia dos primeiros séculos, opção impossível de ser efetivada neste texto.

insiste que quem disser que ama a Deus que não vê e deixa de amar seu irmão que vê, não passa de um mentiroso (1Jo 4,20).

A mensagem de Jesus é contundente, ela se concentra exclusivamente no projeto do reinado de Deus: “buscai primeiro o reino de Deus” (Mt 6,33). A verdade querigmática anunciada depois da ressurreição de Jesus foi garantida nas afirmações consolidadas no evoluir da Igreja nascente, pois todas as comunidades procuram alinhar-se ao fundamento central da fé cristã, objetivado na mensagem do Mestre durante sua vida na terra; e agora, depois da Páscoa, pela pregação dos apóstolos e de seus sucessores. Os fundamentos da fé cristã estão em Jesus e no anúncio querigmático feitos pelos discípulos, pois eles são testemunhas do acontecido antes e depois da Páscoa do Senhor.

Não é de se admirar que uma Igreja institucionalmente invisível não iria muito longe, então, logo nas primeiras décadas, algures na teologia paulina, bem como nos evangelhos sinóticos, vão emergir elementos constitutivos da organização institucional. O sínodo de Jerusalém talvez seja a primeira expressão patente de nuances formais de governo (hierarquia?). O sentido de comunidade de irmãos, amigos unidos por um ideal em torno de Jesus e do reino, vai sendo remodelado numa estrutura que se organiza distinguindo pessoas, constituindo já em seus rudimentos (diáconos, presbíteros e episcopos). Ideias de privilégio hierárquico, como se vê, já permeiam os evangelhos, onde há aqueles que almejam lugares de destaque e que, por sua vez, são repreendidos por Jesus. Mesmo entre os Doze identifica-se tentativas no sentido de conseguir o primeiro lugar no reino (Mc 9,33-37; 10,35-40). Contudo, a pregação de Jesus nunca desviou de sua centralidade no que se refere ao reino de Deus: “tornar-se como criança” (Mt 18,4) se quiser entrar no reino de Deus. Soma-se a isso todo caminho que Jesus fez junto dos discípulos. Ele os tratava não como inferiores, mas como irmãos, amigos. Esse sentido de fraternidade e de amor é que garante que a Igreja vai permitir o espírito da sinodalidade como valor formativo, acontecimento teologal muito bem expresso no caminho de Emaús (Lc 24,13-35).

A fraternidade torna-se regra de vida para os seguidores de Jesus quando eles recebem dele o novo mandamento: “amai-vos como eu vos amei” (Jo 13, 34). Esse *mandatum* determina a concretude do contexto no qual ele é dado: Jesus fez um gesto máximo de humildade e de serviço durante a última ceia. Com a atitude de lavar os pés de seus discípulos, ele testemunha a *koinonia* do reino. Lavar os pés era tarefa de pessoas mais simples e excluídas da sociedade (servos). Desse modo, a comunidade eclesial, inserida no discurso de despedida, vai ser

identificada com o dom de servir aos irmãos na prática do amor. O gesto de Jesus exprime de modo conclusivo o amor total de Deus pelo ser humano, revelando também a sua missão como serviço e obediência ao Pai. A nova aliança que surge no último encontro de Jesus com seus amigos, não foi forjada sobre o rigor da Lei, mas na intimidade relacional de Jesus com o Pai e com os discípulos, uma aliança constituída pelo amor, no serviço e na unidade.<sup>18</sup>

Em conformidade com o quarto Evangelho, também a Primeira Carta de João obedece ao mesmo diapasão na insistência da prática do amor fraterno na comunidade. O texto leva a sério o tema do amor, ousando dizer que: “quem não ama não descobriu a Deus, porque Deus é amor” (1Jo 4,8). Esse versículo materializa o valor da fraternidade para com todos,<sup>19</sup> expondo assim o esforço de superação da tensão permanente que a comunidade vivia: enfrentar o ódio e as disputas e, ao mesmo tempo, se exercitar na unidade e na comunhão, todos caminhando juntos. O conteúdo do *kerigma* deixado como normativo por Jesus, torna-se visível na fraternidade e no amor prático das igrejas, ele deve ser assumido de forma radical pelos membros da comunidade. Os valores do amor e da fraternidade não aceitam a dominação de uns sobre outros.

Há de convir que essa chave de leitura joanina garante ainda hoje a viabilidade para temas como o sentido da Igreja como povo de Deus, constituída de irmãos, bem como para o tema da sinodalidade e da comunhão. Então devemos de nos perguntar: por que a Igreja se distanciou desse ideal tão belo não somente da comunidade joanina, como também de outras comunidades como aquela retratada em Atos dos Apóstolos? Obviamente que se quiséssemos responder a essa pergunta com profundidade teríamos de fazer o longo e árduo caminho da tradição cristã, sobretudo depois da união da Igreja com o Império romano, todavia, isso se faz impossível no presente texto, contudo, sinalizaremos para alguns marcos que vão expor determinadas rupturas ou desvios do *kerigma* original e do sentido de sinodalidade fraterna tão forte nos primeiros séculos da vida cristã.

Como já mencionamos, ao olhar para a relação de Jesus com os discípulos identifica-se aqueles que buscavam seus privilégios e vantagens diante do projeto do reino de Deus, inclusive os que esperavam um reino de poder e dominação política. Naturalmente que não foram esses que se destacaram nos primeiros séculos da vida cristã, mas sim, os que depois da ressurreição

---

<sup>18</sup> VARGHESE, Johns. *The Imagery of Love in the Gospel of John*. Roma: GBP, 2009, p. 333.

<sup>19</sup> RATZINGER, Joseph. *Il Nuovo Pueblo de Dios*. Barcelona: Herder, 1972, p. 444.

anunciavam a chama fumegante da boa nova reluzente do Cristo que se tornou glorioso pelo caminho do sofrimento, da entrega e da cruz. Como atesta os textos paulinos: o apóstolo prega o Cristo crucificado e ressuscitado. Não obstante ao conteúdo central do *kerigma* constituído pela doação e pelo amor, muito em breve, os textos da Escritura vão mostrando o surgimento de disputas e divergências, como também o emergir de estruturas de poder. Surgem modos diversos de organização eclesial, fortalecendo a estrutura institucional diante de ameaças das heresias.<sup>20</sup> O crescimento das comunidades favorece a formação do colégio de presbíteros ou anciãos (At 14, 23) ou o serviço do epíscopo que vai coordenar e supervisionar os carismas (1 Tm 3, 1-7). Sem desconsiderar alguns princípios institucionais dos primeiros séculos, contudo, a Igreja pós-apostólica ainda se manteve plenamente fiel aos ensinamentos do Mestre e conseguia com todo zelo salvaguardar o conteúdo querigmático dos evangelhos. O primeiro grande impacto no modo de ser da Igreja ocorrerá com o *Edictum mediolanense*, esse acordo garantiu a liberdade dos cristãos de praticarem sua religião, cessaram-se as perseguições.

## **2.1 DILEMA DA IGREJA DEPOIS DA UNIÃO COM O IMPÉRIO ROMANO: TENSÃO ENTRE *POTESTAS* E *DIAKONIA***

Com o apogeu da institucionalização da Igreja nos primeiros séculos ocorreu a oficialização do cristianismo como religião oficial do Império Romano.<sup>21</sup> Até o IV século as comunidades cristãs se organizavam no enfrentamento da *gnose* e das heresias que iam surgindo de forma bem descentralizada. O fulgor da mensagem cristã deixada pelos apóstolos e continuada por seus seguidores no contexto pós-apostólico, ainda garantia uma unidade carismática e querigmática das comunidades. Não vamos descer aos detalhes do processo de mudança desse modo de ser, mas o primeiro confronto em nível de uma Igreja universal, colegial ecumênica, no seu sentido estrito, aparece pela primeira vez com o Concílio de Niceia em 325,<sup>22</sup> já organizado sob a tutela do Imperador Constantino.<sup>23</sup> Quando o cristianismo se

---

<sup>20</sup> MIRANDA, Mario de França. *A Igreja em transformação*. Razões atuais e perspectivas futuras. São Paulo: Paulinas, 2019, p. 50.

<sup>21</sup> MIRANDA, Mario de França. *Teologia do Papa Francisco. Igreja sinodal*. São Paulo: Paulinas, 2018, p. 22. É interessante, que aprendemos em história esta ideia do Cristianismo como religião oficial com Constantino, contudo, Juan Luis Segundo faz notar que isso não ocorreu com Constantino, pois ele nunca declarou a fé cristã como religião oficial, contudo a Igreja vai ocupando todos os espaços de liberdade. Foi com Teodósio, em 391, quando proíbe-se todo culto pagão, pode-se dizer, em sentido amplo que, então sim, o cristianismo se converteu de fato em religião oficial. Cf. SEGUNDO, Juan Luis. *O Dogma que Liberta*. Fé, Revelação e Magistério dogmático. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 245ss.

<sup>22</sup> Não vou elencar, mas são inúmeras obras, tanto de história da Igreja quanto de cristologia que tratam o grande ciclo da Igreja conciliar do primeiro milênio.

<sup>23</sup> POLANQUE, Jean-Rémy. *De Constantin à Charlemagne, à travers le chões barbare – Je sais – Je crois*. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1959, p. 16s.

torna religião do Império Romano, então a Igreja acabou assumindo uma estrutura institucional, formando uma casta de pessoas privilegiadas diante do sagrado, elaborando uma estrutura ritual e jurídica que a confundia com os ritos imperiais, havendo uma bricolagem entre o poder religioso baseado no carisma, e no evangelho com o poder civil e político, emergindo o domínio do coletivo sobre o pessoal e da lei sobre a liberdade da fé.<sup>24</sup> Quando nas origens das funções do presbítero e do epíscopo, sobretudo no contexto pós-apostólico, não se verifica uma função de subordinação da primeira à segunda, trata-se de ministérios complementares inseridos na colegialidade sinodal, contudo no contexto patrístico isso vai sendo alterado, e o presbítero torna-se um subordinado de seu bispo, sendo que isso ainda persiste até nossos dias (*Lumen Gentium*, 28).<sup>25</sup>

Este novo modelo constituído no cesaropapismo fez a Igreja de perseguida a perseguidora, vai reinar na Igreja verdadeiro terror, perseguição, exílio e dominação. O primeiro bispo que se levantou contra tal estrutura foi Ambrósio de Milão, pois as coisas divinas não são para serem assumidas pelo controle imperial, pois os palácios dizem respeito aos imperadores, mas as igrejas aos bispos.<sup>26</sup> Na verdade Constantino transfere para a Igreja a ideologia imperial, e, com isso, assume a condição de vigário de Deus Pai na terra, do mesmo modo que Cristo é no paraíso.<sup>27</sup> A crítica de Ambrósio vai ao encontro do que diz Ratzinger sobre a origem da Igreja e sua diferença das coisas ligadas ao poder temporal:

Esta não nasce de uma decisão autônoma, nem é produto de uma vontade humana, mas é criação do Espírito Santo. Este Espírito é a superação do espírito babilônico do mundo. A vontade humana de poder como se expressa na Babilônia, onde há uma uniformidade, pois se trata de dominar e de submeter, e por isso precisamente suscita ódio e divisão.<sup>28</sup>

Não era de se surpreender, a hierarquia buscará se estabelecer junto do poder civil, resultando em conviências ambíguas e a mundanização de prelados,<sup>29</sup> resultando também, em certo uniformismo da cristandade ocidental. Nesse contexto, quanto mais se enfraquecia o Império mais poder assumia o papa, daí entender na evolução da história até o contexto medieval, quando ocorre a grande centralização com Gregório VII no século XI.<sup>30</sup> Nos

---

<sup>24</sup> MIRANDA, Mario de França. *A Igreja em Transformação*, p. 51.

<sup>25</sup> SEGUNDO, Juan Luis. *O Dogma que Liberta*, p. 238ss.

<sup>26</sup> POLANQUE, Jean-Rémy. *De Constantin à Charlemagne, à travers le chaos barbare*, p. 17.

<sup>27</sup> BESEN. José Artulino. *História da Igreja. Da Idade apostólica aos nossos dias*. São Paulo: Mundo e Missão, 2012, p. 45.

<sup>28</sup> RATZINGER, Joseph. *La Iglesia, una comunidad siempre en camino*. Madrid: San Pablo, 2005, p. 21.

<sup>29</sup> MIRANDA, Mario de França. *A Igreja em Transformação*, p. 52.

<sup>30</sup> Conforme vemos, a reforma gregoriana para combater a simonia e todos os desmandos cometidos no contexto da passagem do primeiro para o segundo milênio também trouxe suas sequelas até nossos dias. Houve rígida

primeiros séculos, até o fim do primeiro milênio, a Igreja, mesmo dentro de uma estrutura imperial, graças ao contínuo esforço das Igrejas locais: Alexandria, Antioquia, Jerusalém e outras, nelas presentes grandes Padres como Atanásio, Irineu, Cirilo, Orígenes, Ambrósio, Agostinho, esses homens conseguiram preservar o sentido carismático original, sobretudo a noção de comunidade, *ekklesia*, seu aspecto colegial e sinodal torna-se amplamente visível nos variados e longos concílios ecumênicos dos primeiros séculos. Contudo, desavenças, luta por poderes temporais, perseguições a hereges etc., cada vez mais, vão se tornando mais visíveis dentro da Igreja.

No contexto medieval, o cristianismo assumiu poder absolutista, infelizmente, aqui não há como tratar esse período com a devida profundidade histórica, mas vários autores mostram os desmandos, os abusos de poder, o terrorismo do medo disseminado e a exploração exacerbada praticada por papas, bispos e padres. O melhor e triste exemplo é de Alexandre VI, seu pontificado é uma das mais ignominiosas páginas da história da Igreja,<sup>31</sup> sua vida tanto antes quanto durante o papado foi recheada de abusos e escândalos, sendo que chegou a papa por meio de suborno e falcatuas. Caso fôssemos percorrer toda história que antecede ao papado de Alexandre VI, bem como o contexto eclesial que virá depois, há um rastro de abusos no uso do poder e de problemas político-morais que demarcaram o contexto precedente à Reforma protestante. Aqui vale recordar a cena descrita por Dostoievski no romance “Os Irmãos Karamazov”, na passagem em que Jesus é preso e levado ao tribunal inquisidor e acaba sendo condenado. A cena revela o absolutismo da hierarquia autoritária que se coloca acima do próprio Cristo.<sup>32</sup> Quando Juan Luis Segundo comenta a lenda do Grande Inquisidor, ele recorda que a Igreja ao se casar com o poder faz aliança com o diabo.<sup>33</sup> Na verdade, com o evoluir da cristandade, emergiu no pensamento cristão a ideia da Igreja como sociedade perfeita, constituindo máxima centralização na figura do Papa e na sede romana, com isso, sobrepondo

---

centralização no primado pontifício, as nomeações episcopais foram reservadas ao papa; o controle doutrinal; os sacramentos assumem uma natureza medicinal, numa sociedade marcada pelo pessimismo; a constituição de uma hierarquia forte, mesmo que os bispos percam força diante do povo, pois são da nobreza ou atrelados a ela. Essa configuração gregoriana passa por toda Idade Média e chega até nossos dias. Para tal problemática conferir: MIRANDA, Mario de França. *A Igreja em Transformação. Razões atuais e perspectivas futuras*. São Paulo: Paulinas, 2019; BOFF, Leonardo. *Igreja: Carisma e poder: Ensaio de Eclesiologia Militante*. São Paulo: Ática, 1994.

<sup>31</sup> DREHER, Martin, N. *A crise e a Renovação da Igreja no Período da Reforma*. V. 3. São Leopoldo: Sinodal, 1996, p. 16ss.

<sup>32</sup> BARROS, Marcelo. A Igreja do poder e a comunidade da fraqueza (Como viver uma espiritualidade ecumênica em uma Igreja autoritária). In: *Revista Dominicana de Teologia*, ano II, n. 3, jul./dez., 2006, p. 49ss.

<sup>33</sup> SEGUNDO, Juan Luis. *Esa Comunidad Llamada Iglesia (Teología abierta para el laico adulto, 1)*. Buenos Aires: Carlos Lohlé, 1968, p. 133ss.

às outras igrejas locais. Os demais bispos tornam-se vigários do papa,<sup>34</sup> com isso, esvaziando o sentido de sinodalidade e colegialidade eclesial. Como já mencionamos acima, o apogeu disso ocorreu no final da Idade Média com todos os desvios e absurdos praticados pelo clero, desembocando na Reforma protestante.

O cenário das indulgências e uma eclesiologia papalista que evolui sobretudo a partir do século XIII, não negando que já tinha suas raízes fincadas anteriormente no século XI, quando Gregório VII publicou o *Dictatus Papae* (1075). Com esse documento, ele reivindicou para si o *status* de poder absoluto. O suporte para tal decisão não é a figura de Jesus Cristo pobre, humilde e fraco, mas Deus, Senhor onipotente do cosmos e fonte única do poder.<sup>35</sup> É relevante citar Álvaro Pelágio (+1353) que confundia a figura de Pedro com a Igreja, e atestava que “onde estiver o papa ali está a Igreja Romana e a Sé Apostólica, assim como a Cabeça da Igreja”.<sup>36</sup> Juan Luis Segundo, ao tratar os fundamentos da dogmática que subjaz ao primado de Pedro bem como sua sucessão concedida dentro da Tradição ao Bispo de Roma, recorrendo a Ratzinger na sua obra “O novo povo de Deus”, lembra que o primado não tinha nenhum caráter administrativo, mas somente um sentido simbólico-dogmático. O modelo governamental centrado em conceitos imperiais acabou dando à sede romana um *status* de Igreja universal no sentido de governo e domínio sobre as outras igrejas locais.<sup>37</sup>

O longo processo de institucionalização da Igreja e sua configuração ao modelo de governo da sociedade civil, confundindo o poder dos bispos com o dos príncipes, foi acontecimento que resultou no fechamento da hierarquia em si mesma, deixando em segundo plano o valor conciliar, essa teologia fora derrotada no Concílio de Basileia (1431ss).<sup>38</sup> Quando olhamos retrospectivamente para o início do segundo milênio, sobretudo depois da criação das universidades, nota-se que paralelo ao modelo centralizador de cristandade, aquele baseado nos privilégios de uma hierarquia controladora do poder de Deus, defensora do combate a todo tipo de heresia pelas grandes cruzadas, vendedora de toda espécie de indulgências; junto à magia dominante do teocentrismo autoritário emerge paralelamente um humanismo desafiador, confrontativo e que vai dismantelandando com a estrutura de poder que vigorou até então. Alguns autores modernos chamaram esse movimento de “desencantamento”.<sup>39</sup>

---

<sup>34</sup> MIRANDA, Mario de França. *A Igreja em Transformação*, p. 54.

<sup>35</sup> BOFF, Leonardo. *Igreja: Carisma e poder*, p. 97.

<sup>36</sup> DREHER, Martin, N. *A crise e a Renovação da Igreja no Período da Reforma*, p. 19ss.

<sup>37</sup> SEGUNDO, Juan Luis. *O Dogma que Liberta*, p. 250ss.

<sup>38</sup> DREHER, Martin, N. *A crise e a Renovação da Igreja no Período da Reforma*, p.20ss.

<sup>39</sup> TAYLOR, Charles. *Uma era Secular*. São Leopoldo: Unisinos, 2008, p. 42-44ss.

A Reforma protestante foi o evento mais significativo em nível eclesiológico no alvorecer da modernidade, trata-se da primeira e decisiva grande ruptura ocorrida no Ocidente em nível de cristandade. Não que antes não tenha havido cismas ou heresias, todavia nunca ocorrera tamanha ruptura como no contexto reformador.<sup>40</sup> Se por um lado a Reforma protestante foi muito concentrada na pessoa de Martinho Lutero, contudo, trata-se de um vasto movimento de reação aos abusos de poder praticados pelos chefes da Igreja durante séculos; soma-se a isso, o emergir de uma sociedade que não aceita mais privilégios de uma casta que se considera perfeita e dominadora do sagrado. As 95 teses elaboradas por Lutero apresentam uma análise das indulgências e questionam o abuso teológico na exploração que a Igreja fazia delas. Os abusos contrapõem ao evangelho e ao sentido da verdadeira fé em Jesus Cristo. Na verdade, as teses não tinham nada de herético, mas foram a gota d'água para estourar o movimento de repressão e combate aos reformadores.<sup>41</sup>

O humanismo de Erasmo, as teorias de Joaquim di Fiore, os exemplos de grandes místicos como Francisco de Assis e Inácio de Loyola, todos esses acontecimentos clamam por uma Igreja mais voltada para os fundamentos, mais participativa e de maior fidelidade a Jesus Cristo e ao seu evangelho. Os reformadores, ao resgatar Agostinho e ao fixarem a máxima da *sola fidei*, conseguem inserir todo cristão na subjetividade da fé, apelando assim, para a vida interior, esse princípio tinha sido recorrente na teologia dos santos Padres e, de algum modo, sido esquecido nas altas abstrações medievais. Certamente, outro aspecto precioso a ser considerado perante todos os desmandos e abusos da hierarquia eclesial na época aqui tratada, sempre foi a vivência das devoções que vai se desenvolvendo nos meios populares. Diante de uma liturgia distante e rebuscada, onde a maioria não entedia sequer a língua latina, o povo ia salvaguardando sua fé pela devoção aos santos e à Virgem Maria, pela récita do rosário e outras práticas de piedade.

Na Idade Moderna, nota-se o desejo de participação, as pessoas começam a perceber que não precisam de mediações, podem ter um acesso direto à experiência de Deus.<sup>42</sup> O cenário que emerge no contexto pós-reforma não aceita mais a ideia da Igreja como uma sociedade perfeita, predominantemente absolutista, hierárquica e monárquica. A Igreja triunfalista é desafiada pelos apelos dos reformadores que clamam por verdadeira atitude de conversão, de

---

<sup>40</sup> PELIKAN, Jeroslav. *The Christian Tradition A History of the Development of Doctrine*. V. 4. *Reformation of Church and Dogma (1300-1700)*, p. 246ss.

<sup>41</sup> DREHER, Martin, N. *A crise e a Renovação da Igreja no Período da Reforma*, p. 26ss.

<sup>42</sup> TAYLOR, Charles. *Uma era Secular*, p. 253ss.

mudança e de testemunho. Trata-se de um momento em que a subjetividade da fé permite maior grau de participação na vida cristã, neste contexto emerge a crítica à instituição que assume posturas inadequadas ao evangelho de Jesus Cristo. O acesso à Escritura junto às igrejas reformadas abre caminho para começar a associar novamente os fiéis leigos no processo eclesial, trata-se de uma descentralização do poder clerical. O Concílio de Trento foi a primeira resposta da Igreja aos desafios eclesiais surgidos no contexto reformista, naturalmente que o caminho de conversão e de correção dialógica ou confrontativo, vai durar nada menos que quatro séculos, para que de fato, somente no Vaticano II, aconteça uma síntese mais completa do longo trajeto de assimilação da modernidade e dos desafios de uma Igreja dividida e não mais soberana como nos tempos altos da cristandade.

Até aqui sinalizamos brevemente para o percurso eclesial feito até os tempos da contemporaneidade. Para entendermos mesmo que *en passant*, o contexto do último concílio, naturalmente vale remeter a tudo aquilo que antecede tal acontecimento. O certo seria resgatar todo o cenário histórico desenvolvido desde o apogeu da razão moderna, como isso não é possível, então mencionamos o ponto mais alto dessa trajetória que foi a Revolução Francesa, o Iluminismo. A *Aufklärung* mostrou ser o evento de maior envergadura no enfrentamento das instituições estabelecidas até então. Ela formulou a crítica mais contundente à sociedade política e religiosa do Ocidente. Com os ideais da razão moderna fundados no empirismo e no humanismo que já reinavam a séculos nas universidades europeias, agora o movimento iluminista procura colocar em prática com toda radicalidade os princípios da igualdade, da liberdade e de fraternidade, fazendo assim um abalo sísmico nas instituições que prevaleceram até então. As críticas contra a Igreja foram impiedosas, basta ver a cintilante língua de navalha do genial Voltaire brandindo afiada contra a estrutura eclesial. Frente ao racionalismo iluminista desabrocha como resistência um pietismo exacerbado e pouco conciliador, com isso, criando um contexto intensamente dialético. Nem mesmo o Vaticano I conseguiu dar uma resposta satisfatória ao clima de tensão entre fé e razão, ou fideísmo e racionalismo, isso seria tarefa realizada a contento somente no Vaticano II.

## **2.2 O VATICANO II COMO ACONTECIMENTO DE VOLTA ÀS FONTES CRISTÃS: A RETOMADA DO SENTIDO SINODAL**

No contexto pós-iluminista, quando a Igreja ainda sofria as consequências dos erros do passado diante da crítica histórico-filosófica do humanismo ateu, bem como perante os desafios

do racionalismo moderno, a partir do século XIX e na primeira parte do século XX a fé cristã se vê na obrigação de restaurar seu caminho simbólico e querigmático. Ao olharmos tanto para a teologia protestante quanto para a católica, nesse período histórico, ambas procuram resgatar os fundamentos bíblicos e patrísticos para assim ressignificar o caminho da Igreja e da vida de fé. Os estudos bíblicos, a sistematização dos tratados teológicos, a evolução antropológica, a prática missionária e pastoral, bem como a vida litúrgica, todo esse conjunto, vai formar um imaginário que permitirá o acontecimento máximo da Igreja contemporânea: o Concílio Ecumênico Vaticano II. Ele será o evento de resgate dos valores da participação colegial, de *aggiornamento* e de inserção no mundo pela missão evangelizadora.<sup>43</sup> Há de convir, o Vaticano II resgata o autêntico sentido de participação e sinodalidade, fazendo reflorescer aquilo que é originalmente essencial à vida cristã.

Revisitando a tradição e tudo aquilo que contrapunha ao evangelho, o concílio concentra sua atenção na centralidade da pessoa de Jesus Cristo como revelador do amor de Deus como Trindade. Ele é o fundamento da vida e da prática eclesial, por isso a *Lumen Gentium* o nomeia de ‘Luz dos povos’, sem essa Luz a Igreja cai nas trevas do erro e do vazio de sentido. O exemplo da Igreja primitiva e sua centralidade no serviço a Cristo e aos irmãos faz o concílio reler assiduamente os princípios da Escritura e da Tradição. O tema da Igreja ‘Povo de Deus’, o sentido de fraternidade cristã, bem como a entrega gratuita ao projeto de Deus são valores permanentes do cristianismo fundacional.

Como recorda H. Fries, o Concílio Vaticano II certamente foi um evento da Igreja e sobre a Igreja.<sup>44</sup> Ele teve o propósito eclesial de descentralização, de abertura ao mundo e de unidade. Com isso, rompeu-se o ligame de longos séculos de verticalização e até de autocentralidade, realidades que marcaram a vida da Igreja durante séculos. É notável que a forma do Concílio expor sua compreensão de Igreja desvela a preocupação de instalá-la em um espaço de diálogo com o mundo. Por sua vez, o texto conciliar não deixou de ser a concretização de um novo imaginário, constituindo um horizonte inaudito na perspectiva teológica, jurídica e pastoral. Ele desloca-se de uma estrutura autocêntrica para um movimento de excentricidade e de compromisso com a história.

---

<sup>43</sup> MIRANDA, Mario de França. *A Igreja em Transformação*, p. 56ss.

<sup>44</sup> FRIES, Heinrich. Der Sinn von Kirche im Verständnis des heutigen Christentums. In: KERN, Walter; POTTMEYER, J. Hermann; SECKLER, Max. *Handbuch der Fundamentaltheologie – Traktat Kirche 3*. Freiburg, Basel, Wien: Herder, 1986, p. 22.

O Vaticano II restabelece a natureza sinodal da Igreja primigênia. Demarca as balizas para uma sinodalidade que vai para além da colegialidade episcopal. O sentido da fraternidade sinodal indica “a totalidade dos fiéis, que tem a unção do Santo” (1Jo 2,20-27). Por isso, nota-se a ênfase da *Lumen Gentium* no conceito “infalibilidade” (LG 12). A totalidade do povo de Cristo é infalível *in credendo* e é constituído de legítima autoridade no batismo.<sup>45</sup> Diferentemente da perspectiva vertical da hierarquia, o concílio recoloca todo Povo de Deus na sua original vocação sinodal. Há uma integração *sensus fidei*, dom do Espírito, concedido a cada fiel e o discernimento praticado nos diversos níveis do exercício da participação. Quem exerce autoridade pastoral tem o dever de dinamizar a vida eclesial, garantindo uma circularidade constituída na dignidade batismal, preservando a participação, a corresponsabilidade de todos, os carismas e dons convertidos como dádiva ao Povo de Deus.<sup>46</sup> A partir da retomada do sentido eclesial originário, há o resgate conciliar do valor da participação de todos, pois cada batizado assume seu espaço na vida comunitária, cada cristão tem voz ativa e é constituído de igual dignidade pelo Batismo.

O Vaticano II assume que a Igreja está disposta a caminhar com o mundo. Ela é peregrina da história, por isso está marcada e condicionada pelos acontecimentos do mundo.<sup>47</sup> Não obstante ao estar inserida no mundo, contudo, a Igreja é fruto do mistério de Cristo que revela o amor de Deus como expressão da chegada do Reino. A teologia conciliar explica a sua natureza sobrenatural, comunitária e missionária, fala da sua dimensão sacramental, bem como de sua missão no mundo.<sup>48</sup> O esforço em se abrir ao mundo numa atitude de inserir a Igreja no contexto do século XX, como dissera João XXIII no discurso de abertura, faz com que ela se desloque de sua estrutura autocêntrica e acuada diante da história, colocando-se num movimento de excentricidade, abertura à cultura.<sup>49</sup> A exigência de inserção no mundo, de diálogo e de enfrentamento dos desafios presentes estão visíveis no texto da *Gaudium et Spes*. Não há mais lugar para a ideia da Igreja como uma sociedade perfeita, deslocada do mundo ou situada em um território espiritual inacessível. Agora, o mundo não é visto apenas como espaço

---

<sup>45</sup>WALDENFELS, Hans. Autoridade e conhecimento. *Concilium*, 200, 1985\4, 45ss.

<sup>46</sup>COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja*, 48. Brasília: CNBB, 2018, n. 72.

<sup>47</sup>KLOPPENBURG, Boaventura. *A Eclesiologia do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1971, p. 11.

<sup>48</sup>CALIMAN, Cleto. A eclesiologia do Concílio Vaticano II e a Igreja no Brasil. In: GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes; BOMBONATTO, Vera Ivanise (Orgs.). *Concílio Vaticano II – Análise e perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 230.

<sup>49</sup>BELLITTO, Christopher M. *História dos concílios da Igreja. De Niceia ao Vaticano II*. São Paulo: Loyola, 2010, p. 178ss.

de miséria e iniquidade, mas é um “lugar teológico”.<sup>50</sup> Não é possível, ainda hoje polarizar uma antropologia espiritualista dicotômica diante de uma falsa ideia que julga o mundo como o lugar secularizado e o clero, a vida religiosa e outros como instâncias espiritualmente privilegiadas. Essa mentalidade resgata um saudosismo do clericalismo de cristandade, podendo estar arraigado tanto na mente da hierarquia quanto na mente dos leigos. Atrás de tal mentalidade subjaz um sentido de poder, de segurança e de privilégios religiosos onde se estabelece uma hierarquia rígida e pouco dialogal dentro da comunidade, mas reina o princípio de que uns mandam e os “leigos” obedecem.<sup>51</sup>

Com o Vaticano II, a Igreja centrada na hierarquia, “hierarcologia”, volta-se ao conceito de Povo de Deus, retoma o sentido eclesial mais horizontal e menos piramidal, constituída pela fraternidade com o Cristo ressuscitado. Fraternidade fundada no batismo, nele todo povo se torna irmão, filhos do mesmo Pai.<sup>52</sup> Compreende-se à luz do concílio uma dinâmica de descentralização, um deslocamento, evento que permite resgatar o sentido fundamental de comunhão, de unidade interior e exterior, bem como a forma de interpretar os dons carismáticos e ministeriais. A ideia de sinodalidade subjaz à atmosfera conciliar. A *Lumen Gentium* demarca de certo modo a dignidade dos cristãos, salvaguardando a igualdade entre todos os fiéis (leigos e hierarquia), aqui continua sendo preciosa a frase de Agostinho: “Para vós sou bispo, convosco sou cristão”.<sup>53</sup> Tantos séculos depois do Bispo de Hipona, a *Lumen Gentium* também entendeu com muita clareza o papel dos cargos hierárquicos, eles não possuem valores em si mesmos, mas estão a serviço, em função da salvação do Povo de Deus. Os ofícios eclesiais são uma grandeza da ordem dos meios e não dos fins.<sup>54</sup>

Todos participam do sacerdócio comum nos sacramentos, esse princípio está garantido pela atuação da graça mediante o batismo (LG, n. 11). O fundamento da vida cristã não é a participação na hierarquia eclesial, pois antes de qualquer dever hierárquico ou ministerial, o que garante a vida do cristão é a condição de discípulo, dignidade inerente à existência cristã como tal. Pode-se falar de uma ontologia da graça, pois o Mestre, somente depois de conferir tal graça a Pedro irá permiti-lo conduzir no amor o seu rebanho<sup>55</sup>. Há um sacerdócio real comum a todos os cristãos, todo crente participa com igual dignidade do mistério de Cristo desvelado

---

<sup>50</sup> CALIMAN, Cleto. *A eclesiologia do Concílio Vaticano II e a Igreja no Brasil*, p. 232.

<sup>51</sup> CZERNY, Michael. *Uma Igreja que ‘caminha junto’*, p. 71ss.

<sup>52</sup> CALIMAN, Cleto. *A eclesiologia do Concílio Vaticano II e a Igreja no Brasil*, p. 233.

<sup>53</sup> DE LUBAC, Henri. *Corpus Mysticum*, p. 68.

<sup>54</sup> MIDALI, Mario. Il Popolo di Dio. In: AAVV. *La Costituzione Dogmatica sulla Chiesa*. Torino: ELLE DI CI, 1966, p. 372ss.

<sup>55</sup> CONGAR, Yves. A Igreja Povo de Deus. *Concilium* 1, 1965, p. 9.

na Igreja por pura graça. Também o ministério hierárquico somente se sustenta com base no amor e na fraternidade estabelecidos pela unidade com o Cristo, que se faz comunidade com cada irmão.<sup>56</sup>

### **2.3 O MAGISTÉRIO DO PAPA FRANCISCO: UM CHAMADO À SINODALIDADE ECLESIAL**

Neste momento queremos olhar para os conceitos de fraternidade e sinodalidade no contexto do pastoreio do Papa Francisco. O apelo contundente do Papa tanto ao diálogo quanto à fraternidade, como exposto em vários de seus escritos, sobretudo na sua última encíclica, a *Fratelli Tutti*, demonstra o seu esforço para que a Igreja seja mais fraterna e que tenha mais partilha de dons e serviços. O Papa propõe um movimento eclesial que insira todo cristão ou pessoa de boa vontade no movimento da prática da solidariedade e do amor fraterno. Não há lugar para um crente acomodado, todo batizado é chamado a evangelizar, cada pessoa é dotada de singular dignidade diante de Deus.

O Papa Francisco sabe que a verdadeira reforma da Igreja passa necessariamente pela sinodalidade, por uma reforma de suas estruturas de poder e governo, exige-se uma atitude de reforma da identidade da instituição eclesiástica.<sup>57</sup> Caso usemos a 2ª Carta a Timóteo, 4,1-5, há dois termos que podem nos ajudar a pensar o tempo que estamos vivenciando: “*eukairos akairos*”, as palavras não são separadas por nenhuma preposição ou termos que as adicionem ou as dividam, mas expressariam exatamente “*tempo favorável-desfavorável*”,<sup>58</sup> é exatamente isso que a Igreja vive hoje, pois, por um lado, o desejo de mudança e de esperança está expresso no magistério do Papa Francisco, por outro, está presente também a resistência daqueles que se mergulharam nos privilégios curiais e hierárquicos, esses pouco preocupados com uma autêntica sinodalidade. Neste sentido, é valioso dar uma olhada nos objetivos elencados no “Documento Preparatório” para o Sínodo. Aqui não vamos elencá-los detalhadamente, entretanto, somente mencionamos alguns elementos fundamentais desses objetivos: o texto pede para fazer uma *anamnese* de como o Espírito orientou a Igreja durante sua longa história; apela à vivência de um processo de participação e inclusão daqueles que estão à margem; convida os crentes a reconhecerem e apreciarem os dons e carismas dados à Igreja, com isso

---

<sup>56</sup> RATZINGER, Joseph. *Il Nuovo Pueblo de Dios*, p. 235.

<sup>57</sup> PARANHOS, Washington da Silva; PONTE, Moisés Nonato Quintela. Sinodalidade como ‘Estilo’. *Perspectiva Teológica*, v. 54, n. 1, Jan./Ab., 2022, p. 13.

<sup>58</sup> FAGGIOLI, Massimo. Sinodality as *kairos* in the presente ecclesial and global situation. *Perspectiva Teológica*, v. 54, n. 1, Jan./Abr., 2022, p. 90ss.

criando espaços participativos de vivência do anúncio da Boa Nova; chama-nos a examinar como a Igreja tem exercido a responsabilidade e o poder, identificando também as suas distorções; ainda apela à valorização do diálogo sinodal tanto interna quanto externamente, bem como a valorização das experiências das igrejas locais.<sup>59</sup> Conforme lembra o Professor Marcello Neri: “A Igreja (para poder ser voz profética na história e para a história comum) é chamada a ‘refundar-se’ (termo escolhido em vez de ‘reformar-se’) a partir de processos de sinodalidade efetiva e eficazes”.<sup>60</sup>

O Papa tem procurado testemunhar uma Igreja de carne e ossos, marcada por contradições, mas sedenta de ir ao encontro das pessoas. Sua liderança visa à comunhão e ao diálogo com todos os de boa vontade. No texto da *Fratelli Tutti*, palavras como amor, fraternidade e diálogo saltam aos olhos do leitor. O último capítulo dessa encíclica ocupa-se de expor o fundamento divino da fraternidade religiosa. Unidos ao Pai comum, todos podemos ser chamados irmãos. A vivência sinodal deve fazer brotar sonhos, aquecer os corações, estimular a esperança, enfaixar as feridas e irradiar a alegria do evangelho de Jesus Cristo.<sup>61</sup>

“Se não se reconhece a verdade transcendente de Deus, triunfa a força do poder, e cada um tende a aproveitar-se ao máximo dos meios à sua disposição para impor o próprio interesse ou opinião, sem atender aos direitos do outro” (FT, n. 273). O exemplo de Francisco é a escuta, o diálogo e a busca de valorizar os leigos, as mulheres e toda pessoa com desejo de participação. O Bispo de Roma faz lembrar que, felizmente, não vivemos mais um modelo de cristandade, toda religião deve ser valorizada e respeitada, cabe à fé cristã compartilhar com elas a busca da solidariedade e da fraternidade universal (FT, n. 278-279). Com isso, para enfrentar atitudes emergentes que vão contra o valor da *diakonia* evangélica em prol da *potestas ecclesial*, Francisco apela para uma Igreja mais humana e dialogal. Nas trilhas do Vaticano II, o Papa Francisco concentra sua atenção na missão, na autoridade que se norteia pelo serviço ao Evangelho, na ideia da Igreja *Povo de Deus*, comunidade cristã de batizados. Uma Igreja de

---

<sup>59</sup> SÍNODO DOS BISPOS. *Para uma Igreja sinodal*, n. 2.

<sup>60</sup> NERI, Marcello. *Sínodo: o documento preparatório, entre forma sinodal e princípio hierárquico*. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/612853-sinodo-o-documento-preparatorio-entre-forma-sinodal-e-principio-o-hierarquico-artigo-de-marcello-neri>. Acesso em: 22 nov. 2022.

<sup>61</sup> Cf. PAPA FRANCISCO. *Discurso na abertura do Sínodo dos Jovens*. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/october/documents/papa-francesco\\_20181003\\_apertura-sinodo.html#:~:text=Amados%20irm%C3%A3os%20e%20irm%C3%A3s%2C,come%C3%A7ar%20sem%20vos%20dizer%20obrigado!](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/october/documents/papa-francesco_20181003_apertura-sinodo.html#:~:text=Amados%20irm%C3%A3os%20e%20irm%C3%A3s%2C,come%C3%A7ar%20sem%20vos%20dizer%20obrigado!.). Acesso em: 22 nov. 2022.

natureza missionária, que deve estar em saída, nessa perspectiva, todo cristão é missionário<sup>62</sup> (EG, n. 11, 120, 122).

O Papa Francisco assume o propósito de uma Igreja mais diaconal, mais acolhedora, em saída, lutando para superar a estrutura hierárquica vertical e autoritária, uma Igreja servidora do pobre e que entenda a autoridade como missão. Em tal contexto torna-se possível compreender quando o Papa cita quinze doenças da cúria romana, muitas das quais atentam abertamente contra a simplicidade, a unidade e a sinodalidade da Igreja. A estrutura burocrática e de privilégios dificulta a participação e o diálogo.<sup>63</sup> Ao convocar um sínodo sobre a “sinodalidade” da Igreja, Francisco tem em meta um projeto de valorização de todos dentro da Igreja, pois não é possível uma sinodalidade apenas formal, conceitual. Ela só pode ocorrer em gestos concretos na Igreja local, em atitudes efetivas de diálogo e de partilhas das opiniões de pequenas comunidades como são as Comunidades de Base (EG, n. 29-30). Desse modo, a atitude sinodal pede um novo modelo eclesial que vai identificar com o modelo de Povo de Deus proposto pelo Vaticano II, com isso, de certo modo, supera aquele sentido da Igreja como *potestas* ou uma “sociedade perfeita” garantida por uma autoridade absolutista e centralizadora do primado do Bispo de Roma, assegurado pela “infallibilidade papal” que se coloca acima do colégio episcopal e do laicato, sendo que o jurídico se sobrepõe ao comunitário.<sup>64</sup>

Um dos traços marcantes do magistério do Papa Francisco é o resgate do conceito de ‘Povo de Deus’ do Vaticano II, com isso, valorizando a igualdade que parte do Batismo. Ao comemorar os 50 anos da instituição do Sínodo, o Papa lembra que a Igreja do terceiro milênio deve retomar o sentido de caminhar juntos:

O caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio. Aquilo que o Senhor nos pede, de certo modo, está já tudo contido na palavra “Sínodo”. Caminhar juntos – leigos, pastores, Bispo de Roma – é um conceito fácil de exprimir em palavras, mas não é assim fácil pô-lo em prática.<sup>65</sup>

Dessa sua compreensão, emana o seu entendimento que todo cristão é sujeito participante do mistério de Cristo e da Igreja. O conceito teológico de “povo de Deus” torna-se determinante na sua eclesiologia, restabelecendo o sentido desse conceito já contido na

---

<sup>62</sup> MIRANDA, Mario de França. *Teologia do Papa Francisco*, p. 41.

<sup>63</sup> DÉCIO, João Passos. O Papa Francisco e a Cúria Romana. *REB*, 75, n. 300, 2015, p. 982ss.

<sup>64</sup> CARO, Olga Consuelo Vélez. Laicado y sinodalidad. *Perspectiva Teológica*, v. 54, n.1, Jan.\Abr., 2022, p. 54ss.

<sup>65</sup> FRANCISCO, Papa. *Discurso por ocasião da Comemoração do cinquentenário da Instituição do Sínodo dos Bispos*, 17 de outubro de 2015. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco\\_20151017\\_50-anniversario-sinodo.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html). Acesso em: 20 dez. 2022.

eclesiologia da *Lumen Gentium*. O batismo torna todos irmãos, todos partícipes do *múnus* de Cristo sacerdote, rei e profeta. Na comemoração dos 50 anos do Sínodo dos Bispos, Francisco retomou João Crisóstomo para mostrar que Igreja e Sínodo são sinônimos. Com isso, ele consegue propor que os bispos e ministros devem estar a serviço da comunidade eclesial. A eles não convém reivindicar para si postos superiores e de privilégios, pois ministro significa exatamente “*ser menor*” entre os demais. E ninguém pode ser “elevado” acima dos outros. Diferente disso, na Igreja, é necessário que alguém “se abaixe” pondo-se ao serviço dos irmãos ao longo do caminho.<sup>66</sup>

## CONCLUSÃO

Não é possível fazer muitas delongas neste momento, entretanto vale dizer algumas palavras para tentar dar um desfecho àquilo que foi desenvolvido no texto. Primeiro, cabe lembrar que o joio está silenciosamente se desenvolvendo junto com o trigo, no ser humano isso é visível através do seu agir no mundo. O pecado, as contradições e tudo aquilo que atua às ocultas do coração e da consciência acabam desviando a pessoa do projeto de Deus. Segundo, o ser humano é também movido pela graça e pelo Espírito Santo, por esses dons, a Igreja tem sua força para continuar sua missão de fé e testemunho da verdade revelada em Jesus Cristo. Então, não é a força do pecado que vencerá, mas a dinâmica trinitária que move, pelo Espírito do ressuscitado, o caminhar dos crentes em direção ao reino dado a nós por meio do Filho.

Finalmente, ao abrirmos nosso coração à graça e ao amor de Deus, certamente estaremos mais próximos do Evangelho e daquilo que Jesus Cristo nos ensinou; estaremos mais distantes de tudo aquilo que obstaculiza o reino: poder, dominação e vaidade. Uma Igreja autêntica é por natureza sinodal, participativa e fraterna, este tem sido o desejo do Papa Francisco.

## BIBLIOGRAFIA

BARROS, Marcelo. A Igreja do poder e a comunidade da fraqueza (Como viver uma espiritualidade ecumênica em uma Igreja autoritária). *Revista Dominicana de Teologia*, ano II, n. 3, n. 3, jul./dez., 2006.

BELLITTO, Christopher M. *História dos concílios da Igreja*. De Niceia ao Vaticano II. São Paulo: Loyola, 2010.

BESEN, José Artulino. *História da Igreja*. Da Idade apostólica aos nossos dias. São Paulo: Mundo e missão, 2012.

---

<sup>66</sup> FRANCISCO. *Discurso por ocasião da Comemoração do cinquentenário da Instituição do Sínodo dos Bispos*.

- BOFF, Leonardo. *Igreja: Carisma e poder: Ensaio de Ecclesiolgia Militante*. São Paulo: Ática, 1994.
- BROWN, E. Raymond. *As Igrejas dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1986.
- CALIMAN, Cleto. A eclesiologia do Concílio Vaticano II e a Igreja no Brasil. In: GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes; BOMBONATTO, Vera Ivanise (Orgs.). *Concílio Vaticano II – Análise e perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- CARO, Olga Consuelo Vélez. Laicado y sinodalidad. *Perspectiva Teológica*, v. 54, n. 1, Jan./Abr., 2022.
- COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja*, 48. Brasília: CNBB, 2018.
- CONGAR, Yves. A Igreja Povo de Deus. *Concilium* 1, 1965.
- CZERNY, Michael. Uma Igreja que ‘caminha junto’. Sinodalidade na era do Papa Francisco. *Perspectiva Teológica*, v. 54, n. 1, Jan./Abr., 2022.
- DÉCIO, João Passos. O Papa Francisco e a Cúria Romana. *REB*, 75, n. 300, 2015.
- DE LUBAC, Henri. *Corpus Mysticum: l'eucharistie et L'Église au Moyne Age – Étude historique*. Paris: Aubier, MCMXLIX.
- DREHER, Martin, N. *A crise e a Renovação da Igreja no Período da Reforma*. V. 3. São Leopoldo: Sinodal, 1996.
- DUPONT, Jaques. *Estudos Sobre os Atos dos Apóstolo*. São Paulo: Paulinas, 1974.
- FABRIS, R. *Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1984.
- FAGGIOLI, Massimo. Sinodality as *kairos* in the presente ecclesial and global situation. *Perspectiva Teológica*, v. 54, n. 1, Jan./Abr., 2022.
- FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Discurso por ocasião da Comemoração do cinquentenário da Instituição do Sínodo dos Bispos*, 17 de outubro de 2015. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco\\_20151017\\_50-anniversario-sinodo.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html). Acesso em: 20 dez. 2022.
- \_\_\_\_\_. *Discurso na abertura do Sínodo dos Jovens*. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/october/documents/papa-francesco\\_20181003\\_aperturasinodo.html#:~:text=Amados%20irm%C3%A3os%20e%20irm%C3%A3as%2C,come%C3%A7ar%20sem%20vos%20dizer%20obrigado!.](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/october/documents/papa-francesco_20181003_aperturasinodo.html#:~:text=Amados%20irm%C3%A3os%20e%20irm%C3%A3as%2C,come%C3%A7ar%20sem%20vos%20dizer%20obrigado!.) Acesso em: 20 dez. 2022.
- \_\_\_\_\_. Carta Encíclica *Fratelli Tutti*: sobre a fraternidade e amizade social. Brasília: CNBB, 2020.
- FRIES, Heinrich. Der Sinn von Kirche im Verständnis des heutigen Christentums. In: KERN, Walter; POTTMEYER, J. Hermann; SECKLER, Max. *Handbuch der Fundamentaltheologie – Traktat Kirche 3*. Freiburg, Basel, Wien: Herder, 1986.
- KASPER, Walter. *A Igreja Católica: Essência, Realidade, Missão*. São Leopoldo: Unisinos, 2011.

- KLOPPENBURG, Boaventura. *A Ecclesiologia do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1971.
- MIDALI, Mario. Il Popolo di Dio. In: AAVV. *La Costituzione Dogmatica sulla Chiesa*. Torino: ELLE DI CI, 1966.
- MIRANDA, Mario de França. *A Igreja em Transformação: Razões atuais e perspectivas futuras*. São Paulo: Paulinas, 2019.
- \_\_\_\_\_. *A Igreja numa Sociedade fragmentada*. São Paulo: Loyola, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Teologia do Papa Francisco - Igreja sinodal*. São Paulo: Paulinas, 2018.
- NERI, Marcello. *Sínodo: o documento preparatório, entre forma sinodal e princípio hierárquico*. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/612853-sinodo-o-documento-preparatorio-entre-forma-sinodal-e-principio-hierarquico-artigo-de-marcello-neri>. Acesso em: 22 nov. 2022.
- PANNENBERG, Wolfhart. *Systematische Theologie*, Band III. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1993.
- PARANHOS, Washington da Silva; PONTE, Moisés Nonato Quintela. Sinodalidade como 'Estilo'. *Perspectiva Teológica*, v. 54, n.1, Jan.\Abr., 2022.
- PELIKAN, Jeroslav. *The Christian Tradition A History of the Development of Doctrine*. V. 4. *Reformation of Church and Dogma (1300-1700)*.
- POLANQUE, Jean-Rémy. *De Constantin à Charlemagne, à travers le chaos barbare – Je sais – Je crois*. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1959.
- RATZINGER, Joseph. *Il Nuevo Pueblo de Dios*. Barcelona: Herder, 1972.
- \_\_\_\_\_. *La Iglesia, una comunidad siempre en camino*. Madrid: San Pablo, 2005.
- SÍNODO DOS BISPOS. *Para uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão*, n. 2. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/wp-content/uploads/2021/09/Sinodo-2023-Documento-Preparatorio.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2022.
- SEGUNDO, Juan Luis. *O Dogma que Liberta. Fé, Revelação e Magistério dogmático*. São Paulo: Paulinas, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Esa Comunidad Llamada Iglesia (Teología abierta para el laico adulto, 1)*. Buenos Aires: Carlos Lohlé, 1968.
- TAYLOR, Charles. *Uma era Secular*. São Leopoldo: Unisinos, 2008.
- VARGHESE, Johns. *The Imagery of Love in the Gospel of John*. Roma: GBP, 2009.
- WALDENFELS, Hans. Autoridade e conhecimento. *Concilium*, 200, 1985\4.